



O VAZAMENTO NA INTERNET COMO FORMA POLÍTICA DE CIRCULAÇÃO E ACESSO

Caroline Foppa Salvagni¹

A organização WikiLeaks trabalha através de seu *site* e de parcerias com veículos da imprensa mundial na divulgação de documentos oficiais e secretos de governos, empresas e instituições, que são *vazados* por fontes anônimas. Desde seu surgimento, a imprensa ao redor do mundo tem se utilizado do material publicado pela organização, tratando, em suas matérias, das correspondências entre embaixadas, relatórios de governos e de outras instituições sobre os mais diversos temas políticos, econômicos e sociais dos países. Os documentos revelaram como se dão as relações diplomáticas internacionais, as impressões, avaliações e críticas de representantes dos Estados Unidos sobre o comportamento e as decisões de líderes políticos e de Estado –, as correspondências trocadas e os relatos sobre encontros formais e informais entre autoridades. Foi o maior vazamento da história, e os documentos aproximam os limites entre diplomacia e espionagem.

Após os grandes vazamentos, algumas formas de censura foram impostas à organização. Entre elas, chama a atenção o comportamento do governo americano, seus departamentos e instituições a ele ligados. A livreria do Congresso² bloqueou o acesso ao WikiLeaks, e os Arquivos Nacionais³ impediram até mesmo buscas em sua base de dados sob a palavra-chave WikiLeaks. O Pentágono criou ainda um filtro automático para bloquear qualquer e-mail não só recebido, mas enviado a partir do local, contendo a palavra WikiLeaks. Uma medida que causou contratempos: os advogados do Pentágono que preparavam o caso contra Manning (suposta fonte do vazamento dos *Cablegates*), descobriram que não estavam recebendo e-mails importantes do juiz e dos advogados de defesa. Ainda assim, o filtro não foi removido, mas endereços alternativos teriam sido criados.

Assange, fundador do WikiLeaks, traz também o exemplo de censura na área das relações internacionais. As revistas americanas da área dominam de forma global os estudos das Relações Internacionais e, para Assange, deveriam ser um espaço natural de discussão e análise dos vazamentos; a censura imposta pelos EUA explicaria a falta de abordagens dessas questões. Ele traz o exemplo de uma revista americana (*International Studies Quarterly - ISQ*), que adotou uma política contra a aceitação de artigos baseados em material do WikiLeaks. Ainda nesse sentido, a *School of International and Public Affairs* da Universidade de Columbia alertara seus alunos, na época, a não postarem *links* ou fazerem comentários nas redes sociais sobre os documentos vazados – tais atitudes questionariam a habilidade dos alunos para lidarem com informações confidenciais. Alerta, este, feito após o contato de um oficial do Departamento de Estado americano (ASSANGE, 2015).

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Library of Congress.

³ The US National Archives.



Trazemos estes relatos para ilustrar justamente a relação que buscamos fazer entre o vazamento, a circulação e a censura. Quando um funcionamento é acionado, também são os seguintes, como em uma engrenagem. Aquela do vazamento roda na mesma direção que aquela da circulação, enquanto a da censura se move em direção oposta, dificultando o funcionamento das outras duas. Assim, do mesmo modo que o vazamento permite colocar em circulação discursos até então restringidos a um certo espaço, a censura sempre trabalha na tentativa de dificultar esse movimento.

Malini e Antoun (2013) explicam que

Na história da militância política, a Internet dos grupos de discussão vai inaugurar a **política do vazamento como *modus operandi*** para fazer chegar aos diferentes usuários de todo o mundo as informações privilegiadas sobre a situação social de regimes políticos fechados, a crítica a poderes econômicos e militares num contexto de bipolaridade mundial, ou mesmo ser a **base de sustentação da articulação política** de movimentos feministas, ambientalistas e estudantis (...) (MALINI; ANTOUN, 2013, p.17, grifo nosso).

Vemos, portanto, como para o ciberespaço a ideia de *vazamento* ganha um estatuto não *acidental*, ou de *raridade*, mas de **prática política**, como um **modo de fazer** dos processos discursivos de militância e ativismo.

Ao mesmo tempo, esses mesmos autores discutem como as tecnologias de *vazamento* na Internet acabaram por fazer surgir novas formas de controle, considerando suas possibilidades de circulação. Os pesquisadores trabalham, assim, com as camadas de compartilhamento a serem controladas, e explicam que há um hiato ocupado pela Internet entre “um poder pós-moderno que sonega e uma sociedade que se liberta dos antigos polos de emissão”, e é por esse motivo que “no lugar de polícia contra a mídia de vazamento, o novo cerceamento do poder à sociedade será marcado pela capacidade de **controle de produção da linguagem**”; esta produzida “pela multidão de singularidades em rede”. Além disso, os autores observam que ao gerir o compartilhamento, “o novo pacto hegemônico do capitalismo 2.0” não busca comandar a produção, mas **controlar a circulação**; “isso porque o valor não se extrai mais do tempo do trabalho necessário, mas do controle do tempo da difusão da inovação, seja ela fabricada na empresa ou na fábrica social”, (MALINI; ANTOUN, 2013, p.200).

Em meio a toda essa realidade, é importante retornar a Pêcheux. Em 1981, o autor falava sobre como dizemos, habitualmente, *isso circula*, tomando como positiva a imagem de circulação de nossa modernidade discursiva liberada; esquecemo-nos, entretanto, que essa imagem satisfatória de circulação nos desvia do fato de que as circulações discursivas não são *jamaís aleatórias*, em um “não importa o que” (PÊCHEUX, 1981, p.18). Muito além de celebrar o fato de que há circulação, portanto, não se pode perder de vista o que circula, de que forma, em que espaços discursivos.

Nesse sentido, consideramos que a circulação do arquivo do WikiLeaks em suas diferentes é, antes de tudo, um ato político – não apenas do sentido da militância, mas naquilo que é intrínseco a esse movimento, em seu sentido ideológico.



Assim, observamos também o processo de circulação do arquivo do WikiLeaks até sua discursivização pelo jornalismo. Apesar de ter surgido em 2006 e já haver publicado material *vazado*, foi em 2010 que o WikiLeaks se tornou famoso. A publicação de um impactante vídeo em que militares americanos, pilotos de um helicóptero Apache, abrem fogo contra doze civis e matam dois funcionários da agência de notícias Reuters, em Bagdá, chamou a atenção especialmente da mídia. Ainda que tenha causado certa agitação, a publicação do vídeo não gerou a pressão e indignação esperadas, como analisam os jornalistas Leigh e Harding, do jornal *The Guardian* (2011). A história não causou um escândalo global, e colocou em foco não o assassinato de inocentes, mas o próprio WikiLeaks. Isso nos dá pistas, entre outros exemplos, da necessidade de observar o papel do WikiLeaks na circulação e interpretação dos discursos também e especialmente a partir do espaço jornalístico.

Optamos por observar o processo de circulação dos discursos produzidos pelo WikiLeaks e pela mídia a partir do jornal *Folha de São Paulo* - um veículo parceiro do projeto, que publicou histórias baseadas nos documentos fornecidos pelo WikiLeaks (e suas repercussões) entre novembro de 2010 e março de 2011.

Em uma de nossas análises vimos como é a *matriz de sentido*, uma matriz parafrástica na FD em análise, que representa justamente o trabalho de um sujeito afetado ideologicamente, de selecionar e apropriar-se de objetos provenientes do interdiscurso e encaixá-los, de forma a fazerem sentido – um certo efeito de sentido específico – no fio do discurso. Assim, como um exemplo de nossas análises, temos expressões como *ajudar*, *repassar interesse*, *interceder*, *trabalhar para dissuadir*, *etc.*, identificadas nas notícias e que poderiam ser definidas como paráfrase de *pressionar*. É a FD que determina que *pressionar*, *interceder* e *ajudar*, por exemplo, fazem parte de uma mesma matriz parafrástica, trazendo efeitos de sentidos que apontam para uma pressão política e econômica exercida pelos Estados Unidos em suas relações com o Brasil.

Levando em conta, assim, o político e o ideológico intrínsecos a constituição do arquivo do Wikileaks e de sua leitura pelo discurso jornalismo, consideramos olhar também para esse processo a partir da definição de Rancière para a política como

“uma atividade que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, fazer ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho (RANCIÈRE, 1996, p.42, grifo nosso).”

Estamos tratando, certamente, de um deslocamento. O WikiLeaks movimentou e criou um novo espaço discursivo; é representativo da ideia da Internet como mídia de *vazamento*; modificou o modo como o jornalismo lida com suas fontes e com o próprio conteúdo, pelo tratamento dos dados; permitiu a constituição de efeitos de sentidos que reforçam ou denunciam importantes concepções sobre os EUA e sua relação com outros países. Parece-nos importante, assim, discutir o WikiLeaks como uma **forma política de acesso**. Rancière (1996, p.47) explica que “a política é a prática na qual a lógica do traço igualitário assume a forma do tratamento de um dano, onde ela se torna o argumento de um dano principal que vem ligar-se a tal litígio determinado na divisão das ocupações,



das funções e dos lugares”. (RANCIÈRE, 1996, p.52). Sendo assim, se concebemos a circulação como *acesso*, podemos também considerar que a constituição desse arquivo e sua movimentação representam a tentativa de sanar o dano causado pela desigualdade, pelo conflito de interesses das divisões sociais. Sem perder de vista que é de discurso que estamos falando, lembramos mais uma vez que Pêcheux já identificou muito bem essas diferenças ao tratar da divisão social do trabalho de leitura.

REFERÊNCIAS

ASSANGE, Julian. Introduction : WikiLeaks and Empire. Introdução : *The WikiLeaks Files : The World accordint to US Empire*. Brooklyn, NY : Verso, 2015.

LEIGH, David ; HARDING, Luke. *WikiLeaks : inside Julian Assange's war on secrecy*. Great Britain : The Guardian, 2011.

MALINI, Fábio ; ANTOUN, Henrique. *A Internet e a rua : ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre, Sulinas, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Ouverture du colloque. In : CONEIN, Bernard et. Al. *Matérialité discursives*. Lille : Presses universitaires de Lille, 1981.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento : Política e filosofia*. Tradução de ângela Leite Lopes. São Paulo : Ed. 34, 1996.